

**ANTIFONTE.**  
**SOBRE UMA BIOGRAFIA IMPOSSÍVEL (1)**

**1. Problemas**

« ... O homem nada sabe sem queimar os seus pés  
no fogo ardente.»

SÓFOCLES (*Antígona*, 611-634) (2)

Durante séculos, Antifonte esteve condenado àquela zona obscura da história do pensamento grego onde, inevitavelmente, são colocados todos aqueles que se fizeram esquecer ou que, compulsivamente, foram esquecidos. Um nome, uma cidade ou um demo, um ou dois títulos, nada mais.

Todavia, em 1898, com a publicação dos *Oxyrhynchus Papyri*, por J. Hunt, fez-se alguma luz sobre «le plus méconnu de ces penseurs sous-estimés que sont les Sophistes» (3). Antifonte ascende então a uma zona crepuscular, assinalada ainda pelo esbatemento e indecisão. Marcada por constantes fracturas, na qual

---

(1) O presente ensaio não visa uma exposição ou discussão detalhada do pensamento propriamente dito de Antifonte. O mesmo será objecto de uma abordagem circunstanciada noutra local. De momento, pretende-se somente, sublinhar a questão da identidade de Antifonte e algumas das teses que se confrontam no tratamento do problema.

(2) Tradução, prefácio e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, Atlântida, Coimbra, 1968.

(3) Romeyer Dherbey, 'Antiphon Le Sophiste', *Dictionnaire Des Philosophes*, P.U.F., Paris, 1984, f. 1.

se alternam os claros/escuros, com predomínio evidente dos segundos sobre os primeiros, esta nova fase da investigação suscitou junto dos eruditos a suspeita de que se poderia estar perante *alguém* que, no contexto do movimento sofista, constituiria uma das suas figuras mais proeminentes pela originalidade do pensamento <sup>(4)</sup>.

*Os Novos Fragmentos* surgiam como um efectivo desafio à capacidade recriadora dos investigadores uma vez que, através de uma interpretação concordante dos mesmos, se ensaiava o restabelecimento ou reaproximação possíveis ao pensamento original do autor. O trabalho hermenêutico consistia na ampliação, tão vasta quanto segura, das áreas intermitentemente claras, no sentido de iluminar as profundas obscuridades que se abatem sobre a figura do sofista. Ora, uma abordagem nestes moldes, sugere e obriga, inevitavelmente, à conjectura. Dimensão precária e perigosa, que na ausência de uma rede/suporte seguro cai, inapelavelmente, na alçada das «questões que se levantam» e das polémicas que daí derivam. Estamos perante um problema de difícilíssima resolução, que, desde já e sem qualquer excesso, se poderia classificar de *questão antifônica*. De facto, no que concerne a Antifonte, aqueles dados biográficos e mesmo bibliográficos iniciais que facilitam frequentemente o esboço de um percurso, de uma carreira dos filósofos, desapareceram na sua quase totalidade.

Para se fazer uma referência ao sofista nomeia-se geralmente um *tal* «Antifonte de Atenas». Mas, na ausência de outros testemunhos e na certeza de que esse nome era comum, à data, na cidade, pergunta-se: Antifonte, mas qual deles? Poder-se-ia objectar que, pese embora a existência de vários indivíduos do mesmo nome, não decorreria daí qualquer dificuldade, na medida em que de entre eles, existia um, apelidado de sofista, a quem se deveriam os títulos das obras referenciadas. Mas o quadro complica-se a partir do momento em que somos informados que, se este Antifonte sofista viveu em meados do século V em Atenas, então deveria partilhar a celebridade com mais *alguém*.

Como seus contemporâneos de nomeada são citados, pelo menos, mais dois indivíduos do mesmo nome: Antifonte, o poeta

---

(4) «Or de tous les sophistes, il est peut-être le plus grand», Romeyer Dherbey, *Les Sophistes*, P.U.F., Paris, 1985, pág. 115.

trágico e Antifonte, o orador. De entre eles, o segundo apresenta-se como o maior concorrente à pureza original do pensamento do sofista e, simultaneamente, candidato aos dois títulos: o de orador e o de sofista.

Comparativamente com o sofista, acerca do orador temos algumas informações muito precisas, que podem ser consideradas fidedignas. Sabemos as datas aproximadas do seu nascimento (480), da sua morte (411), o demo (Ramnunte) e aspectos importantes da sua actividade profissional, política e literária <sup>(5)</sup> e, até mesmo, do seu trágico fim. Para além das fontes oficiosas, geralmente bem informadas (Platão e Plutarco), possuímos o fidedigno Tucídides que, através da *Guerra do Peloponeso*, se constitui sempre como um ponto de referência obrigatório.

Ora, um dos traços mais determinantes do orador consiste exactamente no seu trajecto político! Era um conservador oligarca, inimigo declarado do regime democrático. Devido ao conjunto de características que o tornava um *deinos* <sup>(6)</sup>, desenvolvia uma intervenção política lateralizante, através de *Discursos*, de índole eminentemente judicial. Mas é precisamente este homem, que se manteve na sombra durante um largo período de tempo, que em 411, de parceria com «400» companheiros de partido, resolveu finalmente dar a cara e assumir a condução de uma revolução de cariz oligárquico. Reportamo-nos concretamente ao golpe constitucional de 411, que depõe, temporariamente, o regime democrático. Sabe-se, inclusivamente, que no momento em que se esboçava uma tentativa de abertura, o orador surge como um dos seus mais ferozes opositores.

O poder dos «400» manteve-se por pouco tempo. Quando a democracia é reinstaurada, muitos deles empreenderam a fuga ao julgamento e à morte certa. Mas, Antifonte de Ramnunte

---

<sup>(5)</sup> Segundo W. K. C. Guthrie, «The orator was born c. 480 (...) and probably wrote the extant orations late in life, after 427 (...), *The Sophists*, Cambridge University Press, 1971, p. 293.

<sup>(6)</sup> Segundo W. K. C. Guthrie, «The Athenians, like other people, tended to be suspicious of intellectuals, pundits, professors and the like. Their qualities were summed up in a word difficult to translate: *deinotes*, with the adjective *deinos*»; acerca do significado do termo vide op. cit., pp. 32-34.

permaneceu. Envergadura moral, coragem física? Certamente. E também a oportunidade de pronunciar o *Discurso* último e melhor conseguido.

Entretanto, em relação ao sofista, as dificuldades surgem no momento em que se constata a inexistência de qualquer testemunho *contemporâneo* indiscutivelmente claro, que estabeleça a diferenciação de uma forma definitiva. É verdade que Xenofonte faz uma referência a um Antifonte, que apelida de *sophistes*, a respeito de uma discussão que este teria travado com Sócrates<sup>(7)</sup>. Mas, adiante se verá, esta citação não colhe, junto de alguns eruditos, uma total aceitação. As mesmas reservas são por eles manifestadas a respeito de uma primeira tentativa para estabelecer uma distinção clara, ensaiada no século III d.C., por Hermógenes de Tarso<sup>(8)</sup>, o qual, por sua vez estaria a seguir o testemunho formulado por Didímo, duzentos anos antes.

Contudo, não deixa de ser extremamente significativo o interesse, e talvez a necessidade que Hermógenes experimentava em esclarecer um problema que possivelmente já «andava no ar». Atribuindo ao orador, entre outros escritos, *Discursos* sobre casos de homicídio e *Discursos* políticos, enquanto o sofista seria autor *Da Verdade*, *Da Concórdia* e de um *Político*, ele pensa que a separação deve ser estabelecida, também, em termos de acentuadas diferenças de estilo.

Todavia, para além das diferenças de estilo, tudo leva a crer que, dos fragmentos que se conhecem, estaríamos perante um espírito com concepções eminentemente democráticas, de um humanismo que ultrapassava largamente as fronteiras restritas e xenófobas da Grécia dos séculos V e IV. Afastar-se-ia então espectro da inevitabilidade de um decalcamento (leia-se, identificação) de imagens.

Mas essa será uma das possíveis interpretações, que os fragmentos consentem...

---

(7) «*Memoráveis*», I, 6, I, sq.

(8) *Peri Ideon*, II, 7.

## 2. Unitaristas e Separatistas

« ..... Ó oráculos dos deuses,  
onde estais? ..... »

SÓFOCLES (*Rei Édipo*, 945-949) <sup>(9)</sup>

Quando Alfred Croiset passava a abordar esta questão, no seu trabalho sobre *Les Nouveaux Fragments D'Antiphon* <sup>(10)</sup>, considerava-a, desde logo, como uma das 'mais delicadas e duvidosas'. Concretamente, defende que em função da falibilidade dos testemunhos disponíveis que sustentam a diferenciação, há que questionar a validade dos mesmos.

Para Croiset, o facto de Xenofonte se referir nas *Memoráveis* <sup>(11)</sup> a um Antifonte *sophistes* não obriga à imediata aceitação de uma oposição ao orador do mesmo nome. A distinção justificar-se-ia perante a existência de um outro Antifonte, igualmente célebre: o poeta trágico. O facto de Aristóteles mencionar o poeta como *poietes* enquanto que, reportando-se às obras do sofista, designa-o unicamente pelo nome sem encontrar qualquer necessidade de o opor ao orador, surge a Croiset como um argumento de peso em defesa das suas suspeitas. Por outro lado, se Xenofonte pretendia de facto distinguir o sofista do orador, o termo *sophistes* apareceria como o menos aconselhável, porque *sophistes* convinha tanto a um como a outro.

A análise das discussões travadas entre Antifonte e Sócrates <sup>(12)</sup>, não fazem perigar, segundo ele, esta perspectiva. Sócrates é aí censurado pela singeleza da sua vida, pela gratuitidade do seu ensino e pela incoerência que manifesta pretendendo formar bons cidadãos, quando ele próprio se abstém de uma intervenção política activa. Ora, este tipo de reparos, deveriam ser imputados ao orador, em função do que acerca do mesmo se conhece: foi não só alvo de críticas pelos elevados honorários que cobrava, na

---

<sup>(9)</sup> Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, Héliade, Coimbra, 1971.

<sup>(10)</sup> Communication faite à l'Académie des Inscriptions dans ses séances des 6 et 13 octobre 1916, in *Revue des Études Grecques*, Tome XXX, Paris, 1917.

<sup>(11)</sup> I, 6.

<sup>(12)</sup> Xenofonte, *Memoráveis*, I, 6, I, sq.

prática da docência, como também se sabe de fonte segura <sup>(13)</sup>, ter sido das figuras mais proeminentes na conjuntura política de 411. E assim, «On voit ce qui reste du prétendu témoignage de Xénophon» <sup>(14)</sup>.

Restavam ainda o testemunho de Hermógenes e uma certa *tentação irresistivelmente separatista*. Mas, também aqui, as conclusões de Croiset não são mais animadoras. É que para ele, Hermógenes <sup>(15)</sup> manifesta uma indisfarçável insegurança na sua proposta em defesa da existência de dois autores, na medida em que a mesma se apoia inicialmente na duvidosa solidez de um testemunho mais *antigo*, reforçando-se, posteriormente, com argumentos de ordem estilística aos quais ele atribui um carácter eminentemente aleatório.

Concretamente, segundo Croiset, ainda que Hermógenes saliente que duzentos anos antes, Didímo havia procedido à diferenciação, não decorre daí a inevitabilidade de uma aceitação sem reparo. Para este autor, Didímo, tal como Hermógenes, saberia tanto quanto nós, e a força enganadora desta prova testemunhal fundada na sua antiguidade, servia sobretudo para cavar mais fundo a nossa própria ignorância sobre o assunto, aumentando mais e mais a incerteza.

Como se disse, Hermógenes fundamentava ainda a diferenciação em questões de estilo. Mas, seguindo a tese de Croiset, isso seria pouco mais do que um certo desespero de causa uma vez que, sujeito a oscilações, o estilo não constitui um dado perene e imutavelmente adquirido. Poderá funcionar eventualmente como prova, mas sempre como argumento adicional. Ainda que se insista nesse caminho, as diferenças não seriam insanavelmente inexplicáveis. Este erudito considera que é natural existirem alterações de estilo em escritos tão diferentes, como seriam as *Defesas* e as obras de escola <sup>(16)</sup>.

---

<sup>(13)</sup> Tucídides, VIII, 68.

<sup>(14)</sup> Croiset, A., op. cit., p. 16.

<sup>(15)</sup> Hermógenes, op. cit.

<sup>(16)</sup> Croiset discute ainda o testemunho de Tucídides. Ele pensa que o autor da *Guerra do Peloponeso*, referindo-se ao personagem Antifonte está a enaltecer o autor *Da Concórdia*. Faltava ainda resolver a questão da atribuição do tratado intitulado *Da Verdade*. A esse respeito, Croiset propõe uma aproximação entre a doutrina histórica de Tucídides e a teoria sobre a lei natural, presente na obra citada.

Precisamente em relação às diferenças de estilo, um outro helenista, Louis Gernet, sustentava uma tese diametralmente oposta, colocando-as em pé de igualdade com os outros argumentos que invoca em defesa da diferenciação (17). Considera, sobretudo, que Hermógenes «caractérise en des termes exacts et qui nous paraissent très cohérents la différence des styles» (18). Para Gernet, os fragmentos do sofista constituem-se num monumento à prosa ateniense do século V, individualizando-se, quanto à língua, por um aticismo mais avançado do que o de Tucídides e mais decidido do que o do orador (19).

Se na argumentação de Croiset surpreendíamos algumas reticências subjacentes às conclusões (20), em Gernet a opção separatista é peremptória. Para ele, se as fontes (Xenofonte, Aristóteles, Diógenes, Suidas) qualificam Antifonte de *sophistes*, *teratoscopos* ou *oneirocrites*, é precisamente para distingui-lo de um outro. Concretamente daquele que aparece nomeado, em termos muito claros, em Hermógenes, em oposição ao sofista: o orador de Ramnunte. E assim, «Devant les textes concordants qui opposent les deux Antiphons, nous considérons que la preuve incombe à qui soutient la thèse de l'identité: or, dans ce sens-là, nous ne trouvons rien» (21).

Ora, recentemente, Fernanda Declava Caizzi (22) incumbiu-se de susutentar essa tese (23). A sua posição é muito clara: institu-

---

(17) Louis Gernet, *Antiphon. Discours suivis des fragments d'Antiphon le Sophiste*, (versão bilingue), Société d'Édition «Les Belles Lettres», Paris, 1965.

(18) Op. cit., p. 175, n. 2.

(19) Op. cit., p. 175.

(20) «(...) Tout ce que j'ai essayé de démontrer, c'est que le personnage d'Antiphon le sophiste est, jusqu'à nouvelle ordre, une entité problématique (...), op. cit., p. 19.

(21) Op. cit., p. 175.

Acrescente-se, que Gernet considera ainda que o sofista teria sido um *interprète de prodígios e de sonhos*, não encontrando razão para lhe negar a autoria de uma obra *Acerca da interpretação dos sonhos*.

(22) «*Hysteron proteron: la nature et la loi selon Antiphon et Platon*», Revue de Métaphysique et de Morale, 91e. année, Juillet — Septembre, 1986.

(23) A importância que atribui a esta questão é aliás bem visível ao insurgir-se contra, entre outros, a posição de Guthrie sobre o problema: «The question is of minor interest for the history of philosophy, and discussion of it

cionalizou-se a existência de um Antifonte orador e de um Antifonte sofista. A partir daí não mais se questionaram as bases em que essa separação assentava. Ora, segundo a autora, esses dados seriam de uma fragilidade extrema e não resistiriam a um exame judiciosamente conduzido, cuja conclusão imporá a existência de um só Antifonte. Com base na reabertura simultânea de todos os processos, Fernanda D. Caizzi parte para uma demolição sistemática dos mesmos.

Perante si, coloca na mesma audiência as fontes que sabe à partida não poderem apresentar-se como testemunhos «presenciais dos acontecimentos» mas, tão só, como testemunhos por interpostos testemunhos, procurando ainda extrair de alguns deles algo que não estando expresso nos mesmos, encontrar-se-ia, contudo, aí implícito.

Dos depoentes que convoca, salientem-se o *Menéxeno* e as *Leis* de Platão, o *Peri Ideon* de Hermógenes, *Da Verdade* e *Da Concórdia* de Antifonte o sofista e as *Tetralogias* do orador. Ela pensa, concretamente em relação a este(s) último(s), que ao intimar um só Antifonte, responsabilizando-o por escritos tradicionalmente atribuídos a dois indivíduos, ele ver-se-á compelido a reconhecer a autoria de todas as obras, justificando-as.

Em relação ao fragmento B44, assume uma postura extremamente crítica perante a interpretação que é dada do mesmo por Wilamowitz. Sublinha, inclusivamente, que ao contrário do que é comumente aceite, uma reinterpretação deste texto fornece razões extremamente importantes aos defensores de um único autor, para prosseguirem na investigação.

Entretanto, a abordagem do testemunho de Platão, merece-lhe, igualmente, particular atenção. Tanto no *Menéxeno* como nas *Leis*, ele teria perante si um único homem, o Antifonte orador e sofista. Platão, não procedendo a qualquer distinção entre dois homens do mesmo nome, rebate no mesmo indivíduo o autor das *Tetralogias* e *Da Verdade*. A partir daqui, todo o trabalho da

---

has been relegated to a note (pp. 292-4 below), which may be thankfully omitted by all but classical specialist», Guthrie op. cit., p. 286.

«En tout cas, il est assez étonnant que l'on puisse affirmer que la question de l'identification de l'auteur de la «Vérité» est sans importance pour l'histoire de la philosophie...», Fernanda Decleva Caizzi, op. cit., p. 292.



autora consiste em, através de uma exégesis dos textos, restabelecer uma arqueologia concordante dos mesmos, reconstruindo, assim, as pontes anteriormente existentes que conferiam inteligibilidade.

Contudo, a perspectiva que recolhe ainda um maior assentimento junto dos eruditos e na qual se insere, como vimos, Louis Gernet, é aquela que postula uma separação, em definitivo, entre orador e sofista <sup>(24)</sup>.

W. K. C. Guthrie <sup>(25)</sup> assume muito claramente as dificuldades que ele mesmo experimentou na dilucidação desta questão. Assim, numa primeira abordagem do problema transparece da sua exposição uma inclinação marcadamente unitarista em função da precariedade das provas existentes. Constata-se, entretanto, que algumas páginas a seguir, numa nota suplementar a essa questão, essa posição como que conhece uma acentuada inflexão num sentido declaradamente separatista.

É a tese de E. Bignone <sup>(26)</sup>, refere expressamente Guthrie, que o leva a optar decididamente pela distinção entre orador e sofista. O cunho, concludentemente persuasivo, da argumentação de Bignone leva-o a segui-lo sem condicionamentos na sua exposição <sup>(27)</sup>.

É verdade que Bignone salienta essa série de dificuldades de referência obrigatória na abordagem desta questão. Mas para ele a prova irrefutável e decisiva de que se estaria perante dois indivíduos do mesmo nome, fundamentava-se essencialmente nas suas perspectivas políticas radicalmente antagónicas. «The orator was a pugnacious aristocrat and oligarch (Thuc., 8, 68, 69, 90; Arist. Ath. Pol. 32) whereas fr. 44B of the Sophist expresses extreme

---

<sup>(24)</sup> Esta 'maioria de opiniões' foi objecto, recentemente, de um reparo crítico de Jacqueline de Romilly, segundo a qual, «(...) enfin l'habitude a prévalu: chacun émet en passant un vague doute sur la distinction entre les deux Antiphon, mais se rallie pourtant, par prudence, à ce qui paraît être une hypothétique 'majorité des opinions'», *Les Grands Sophistes Dans L'Athènes De Périclès*, Editions de Fallois, Paris, 1988, pp. 177/178.

<sup>(25)</sup> Op. cit., pp. 285 a 294; vide, sobretudo, pp. 292 a 294.

<sup>(26)</sup> *Studi sul pensiero antico*, «A. oratore ed A. sofisti», 161-74, apud W.K.C. Guthrie, op. cit., pp. 292 e sq.

<sup>(27)</sup> «Of the many modern discussions, I summarize Bignone's, which is the fullest and most judicious.», op. cit., p. 292.

democratic sentiments. Also the orator was an emphatic upholder of the laws, as is shown by many passages in his speeches, which again contrasts strongly with the Sophist» (28).

Na mesma linha situa-se Romeyer-Dherbey (29). Constatando que «Les Anciens ont souvent confondu Antiphon le sophiste et Antiphon de Rhamnunte, qui était orateur et enseignait la rhétorique» (30), considera que a argumentação de Bignone no sentido de estabelecer a separação com base nas diferenças de ordem política e religiosa (31) apresenta-se como inteiramente legítima (32).

A partir daí, através de uma coerente e segura argumentação, Romeyer-Dherbey empreende um trabalho de reconstrução, realinhamento e reaproximação dos fragmentos que reactualizam e reproduzem em termos muito convincentes, as teses essenciais do pensamento do sofista. Os textos já referenciados de Romeyer-Dherbey, quer pela sua segurança e coerência, quer pela originalidade manifesta, constituem-se em leitura obrigatória na análise desta questão. De facto, é a ele que se fica a dever uma das interpretações mais brilhantes do pensamento de Antifonte.

---

(28) «Bignone's final conclusion therefore was that orator and Sophist were different persons (though he thought that the Sophist could well be diviner and writer on dreams», apud Guthrie, op. cit., p. 293.

(29) Vide obras citadas.

(30) *Dictionnaire Des Philosophes*, loc., cit.

(31) Enquanto o orador aparecia como um defensor acérrimo da religião tradicional, o sofista apresentava-se como extremamente crítico em relação à ideia de providência divina.

(32) «... mais la majorité des érudits comme Untersteiner, Luria, Guthrie, etc. ..., suit plutôt actuellement les conclusions de Bignone», op. cit., loc. cit. Guthrie dizia, «This is the conclusion which has found most favour, so that Stenzel could begin his article in the RE (suppl. IV, 33) 'Antiphon, of Athens, to be distinguished, as is now generally recognized, as a Sophist from the orator of Rhamnus', and Untersteiner (Sophs. 228 f.) simply refer to Bignone and add 'I do not think that there is any occasion to re-examine the question', op. cit., p. 294.

### 3. ... E Problemas

« ... tu não me conheces? Não sabes quem tens  
diante dos olhos? »

SÓFOCLES (*Filoctetes*, 245-250) <sup>(33)</sup>

Não se pode ignorar o carácter eminentemente sedutor e persuasivo das teses unitárias. A recolha e o tratamento das fontes, sobretudo em Fernanda Declava Caizzi, e a discorrência que daí emerge, impõem que sejam consideradas com a máxima atenção.

Deve-se sublinhar todavia que, se 'uma hipotética maioria de opiniões' nem sempre constitui um índice seguro de *razão* ou bom senso, há casos em que a confluência de teses conjecturais, de parceria com a ausência de novos testemunhos, sugerem, pelo cunho persuasório da sua argumentação, um assentimento sem condicionamentos comprometedores. É nessa medida, que a tese separatista de Bignone recolhe uma aprovação claramente explícita junto de eruditos como W. K. C. Guthrie, Untersteiner ou Romeyer-Dherbey.

A prioridade atribuída ao elemento político parece-nos inteiramente legítima. Evidentemente que a prevalência dessa componente só surte efeito no sentido de uma diferenciação, desde que obedeça a uma determinada e igualmente justificada interpretação dos fragmentos.

Ora, como se constatou, se a insolubilidade desta questão radica fundamentalmente numa confrangedora escassez de fragmentos e testemunhos, a interpretação polissémica que os mesmos consentem acentua ainda mais as dificuldades. É nesta perspectiva, que os defensores de um só Antifonte reivindicam o direito de promoverem uma interpretação da componente política num sentido diametralmente oposto.

Ainda que tais considerações não ultrapassem uma dimensão eminentemente adjacente e conjectural, parece-nos que a ausência de uma diferenciação claramente expressa em Platão ou Aristóteles não pode constituir uma prova segura e definitiva em favor da identificação. Por outro lado, do que resta das outras fontes, ainda que em algumas delas não se constate a preocupação de

---

<sup>(33)</sup> Introdução, versão do grego e notas de José Ribeiro Ferreira, INIC, Coimbra, 1979.

estabelecer uma nítida separação, não decorre daí a inevitabilidade de uma identificação.

Mantém-se aqui uma vasta área de incerteza que admite duas linhas de interpretação, ou seja, que as fontes tinham a identificação ou a separação como algo de implicitamente adquirido. Sublinhe-se ainda que, quer se trate de um ou dois indivíduos, estamos perante *cidadão(s) ateniense(s)*, segundo Guthrie dois homens de elevada envergadura intelectual, dois verdadeiros *sophistes*, que no escaldante contexto político da Atenas de 400, na perspectiva de Bignone, teriam empreendido duas leituras radicalmente opostas dos meios de reestruturação da situação vigente. Enquanto o Antifonte de Ramnunte, orador e oligarca, via no regresso a modelos políticos de um passado ainda recente o meio de superar a crise do regime dando até a própria vida pela causa, o Antifonte sofista encontrava essa mesma solução no aprofundamento e desenvolvimento dos ideais democráticos.

Dir-se-ia a concluir que, para além dos elementos criteriosamente recolhidos e do tratamento que lhes é dado pelas teses em confronto, o que se encontrará subjacente, quase em surdina, a toda esta questão será um problema mais vasto e abrangente. Radicaria, em última análise, no próprio entendimento que se tem do movimento sofista em geral, dos sofistas em particular e do «exacto» conceito que se poderá fazer acerca da inserção do cidadão, da sua relação íntima com a Polis.

Em última instância, há que ir aguardando e registando atentamente pelos bons resultados desse movimento, a todos os títulos *ainda recente* <sup>(34)</sup>, de recuperação e recomposição da imagem dos sofistas, contra a poderosa e detractiva tradição platónico-aristotélica <sup>(35)</sup>. Pretende-se demonstrar que, em contraste com uma perspectiva fantasmagórica e contumaz, é *ainda* possível encontrar entre os sofistas alguns *homens-de-bem*!

José Augusto C. Ribeiro Graça

---

<sup>(34)</sup> Vide Guthrie, op. cit., pp. 9-13.

<sup>(35)</sup> « (...) Aristote, au livre *Gamma* de sa *Métaphysique*, parachève la condamnation platonicienne et relègue le sophiste hors de la philosophie, voire même hors de l'humanité (...) La première sophistique a perdu la guerre philosophique. ». Barbara Cassin, 'Du Faux Ou Du Mensonge A La Fiction', Colloque de Cerisy, *Le plaisir de parler*, Les Éditions De Minuit, Paris, 1986, pp. IX e 6.

## RESUMO

Desde a publicação dos *Oxyrhincus Papyri* por J. Hunt, em 1898, constata-se um interesse crescente pela análise do pensamento de Antifonte. Ainda que alguns eruditos, como W. K. C. Guthrie, considerem a questão da sua identidade como de importância menor para a História da Filosofia, é um facto que esse problema se tem colocado aos investigadores com maior ou menor pertinência. Concretamente, trata-se de saber se estaremos perante um Antifonte orador/sofista ou dois homens do mesmo nome: Antifonte orador e Antifonte sofista. Neste ensaio chama-se a atenção para a actualidade da questão, dando notícia de algumas das teses em confronto, sugerindo-se uma aproximação à tese *separatista*.

## RÉSUMÉ

Depuis la publication, en 1898, des *Oxyrhincus Papyri* par J. Hunt, on a pu constater l'intérêt croissant suscité par l'analyse de la pensée d'Antiphon. Si quelques érudits — comme W. K. C. Guthrie — considèrent la question de son identité comme un point d'importance mineure pour l'histoire de la philosophie, il n'en est pas moins vrai que le problème n'a cessé de se poser aux chercheurs avec plus ou moins d'acuité selon les cas. Il s'agit de savoir concrètement si nous avons affaire à un Antiphon à la fois orateur et sophiste ou à deux hommes de même nom: Antiphon l'orateur et Antiphon le Sophiste. Cet essai, après avoir souligné toute l'actualité de cette question, confronte quelques unes des thèses en présence pour suggérer une approche rejoignant la thèse *séparatiste*.

## ABSTRACT

Since the *Oxyrhincus Papyri* were published in 1898 by J. Hunt, it has been felt an increasing interest in the analysis of Antiphon's thought. Although some scholars (W. K. C. Guthrie, among others) see the question of his identity as a matter of minor importance to the History of Philosophy, this problem has been differently emphasized by researchers. We have to decide whether we are facing Antiphon — orator and sophist — or two distinct men with the same name: Antiphon, the orator and Antiphon, the sophist. This essay focuses the revival of this question, while confronting some theses and taking side for the *separatist* approach.